

**CONTRIBUIÇÕES DO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À
DOCÊNCIA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA**

**CONTRIBUTIONS OF THE INSTITUTIONAL PROGRAM FOR TEACHING INITIATION
SCHOLARSHIPS IN THE TRAINING OF PORTUGUESE LANGUAGE TEACHERS**

Ubiratan Dos Santos Gomes Pereira Junior¹
Kátia Cilene Ferreira França²

Recebido em: 19/03/2020

Aprovado em: 25/06/2020

Publicado em: 31/07/2020

RESUMO: Este trabalho trata sobre a relevância do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) na formação inicial do professor. O PIBID é um programa, que possibilita a licenciandos vivenciarem a dinâmica da sala de aula, na condição de professores, ainda nos semestres iniciais do curso. Essa vivência afeta o modo de compreender a profissão docente, a relação teoria e prática pedagógica, o modo pensar a aula. Nosso objetivo é relatar experiências de ensino realizadas por licenciandos, participantes PIBID, do curso de Linguagens e Códigos - Língua Portuguesa, em uma escola maranhense, e verificar como o conjunto de atividades realizadas no projeto interferiu na forma como tais graduandos veem a sua futura profissão e a própria licenciatura. Os dados deste relato envolvem os registros do trabalho desenvolvido com turmas de 6º ano do ensino fundamental e ainda a aplicação de um questionário a pibidianos com perguntas sobre a contribuição do programa para a formação de professores. Para fundamentar essa discussão, utilizamos como referencial teórico os estudos de Larrosa (2017) sobre experiência como algo que nos toca; de Freire (1982) sobre ensinar a ler a palavra escrita considerando a leitura de mundo dos alunos; de Geraldi (2010) sobre a aula de língua portuguesa.

Palavras-chave: PIBID; Experiência de ensino; Aula de língua portuguesa.

ABSTRACT: This paper deals with the relevance of the Institutional Program for Teaching Initiation Scholarships (*Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência* - PIBID) in the initial teacher education. PIBID is a program that allows undergraduate students to experience the dynamics of a classroom, as teachers, even in the initial semesters of graduation. This experience affects the way of understanding the teaching profession, the relationship between theory and pedagogical practice, the way of thinking about the class. Our objective is to report teaching experiences carried out by undergraduate students, PIBID participants, of the Languages and Codes - Portuguese Language course, in a school of Maranhão, and to verify how the set of activities carried out in the project interfered in the way such undergraduates see their future profession and the graduation itself. The data in this report involve the records of the work carried out with classes of the 6th year of elementary school and also the application of a questionnaire to *pibidians* with questions about the contribution of the program to the teachers training. To support this discussion, we used Larrosa's (2017) studies on experience as something that touches us as a theoretical framework; of Freire (1982) on teaching to read the written word considering the reading of the students' world; of Geraldi (2010) about the Portuguese language class.

Keywords: PIBID; Teaching experience; Portuguese language class.

¹ Graduando na Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens e Códigos - Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Maranhão - Campus São Bernardo. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-2101-7744> E-mail: ubiratanjunior50@gmail.com

² graduação em Letras pela Universidade Federal do Maranhão (2001), mestrado em Educação pela Universidade Federal do Maranhão (2009) e doutorado em Estudos da Linguagem, área de concentração em estudos da Linguística Teórica e Descritiva, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2018). Atualmente é professora de Língua Portuguesa, do curso de Linguagens e Códigos, da UFMA- Campus São Bernardo. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7756-9121> E-mail: katiacfranca@yahoo.com.br

PEREIRA JUNIOR, U. S. G.; FRANÇA, K. C. F.

Introdução

Contar uma experiência não deve ser visto como apresentar informações ao interlocutor. Informação, como diz Larrosa (2017) não é experiência, não deixa lugar para a experiência, não permite que o sujeito se envolva e faça deslocamentos. A informação chega de todos os lados a todo tempo, a experiência é um lugar de encontro com a aventura, e como tal não é rápida, precisa de tempo para acontecer, porque o sujeito da experiência precisa estar aberto à escuta de si e dos outros, a travessias capazes de dar sentido ao que somos e o que nos acontece.

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça (LARROSA, 2017, p. 18).

A concepção de Larrosa (2017) sobre experiência é aquela que adotamos para a escrita deste trabalho que tem como objetivo relatar experiências de ensino realizadas por graduandos do curso de Linguagens e Códigos/Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), participantes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), na escola Dr. Gastão Vieira da rede municipal de São Bernardo-Maranhão. Busca ainda verificar como o conjunto de atividades realizadas durante o projeto interferiu na forma como tais licenciados veem a sua futura profissão e a própria licenciatura.

Para alcançar esse objetivo, fazemos a apresentação do PIBID, em linhas gerais, e do subprojeto da licenciatura interdisciplinar em Linguagens e Códigos – Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Maranhão, que acontece no município de São Bernardo. Esse subprojeto buscou fazer um trabalho pautado no diálogo entre fazeres científicos e fazeres pedagógicos, e a aula de português como acontecimento (GERALDI, 2010). Desse modo, houve um investimento do grupo em estudar e planejar, entender a atividade de ensino indissociável da pesquisa sobre os fenômenos da linguagem.

A fim de apresentar o modo como as atividades do subprojeto foram planejadas e desenvolvidas, escrevemos um item com as aulas realizadas na oficina *Histórias da Casa de Forno*, a qual foi construída considerando a realidade do povoado Currais, em que a

PEREIRA JUNIOR, U. S. G.; FRANÇA, K. C. F.

escola se insere. Nesse povoado, a produção da farinha de mandioca tem importante valor cultural e econômico. As casas de forno são o espaço físico, social e cultural dessa produção que envolve os membros das famílias. Os alunos participam de todo processo, que vai do plantio da mandioca à feitura da farinha e outros alimentos.

Buscamos ouvir o que dizem os pibidanos sobre as atividades desenvolvidas e as contribuições do programa em suas experiências como professores, para isso aplicamos um questionário. As respostas às perguntas do questionário e nossa análise interpretativa serão exploradas, após a apresentação da oficina *Histórias da Casa de Forno*. Finalizamos este trabalho com nossas considerações finais.

2. O PIBID na Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens e Códigos

O Ministério de Educação apresenta o PIBID com um programa que tem por finalidade unir as secretarias estaduais e municipais de educação e as universidades públicas, a favor da melhoria do ensino nas escolas públicas (BRASIL, 2019).

É um programa que investe na inserção do graduando na escola, de modo orientado e supervisionado por um professor da instituição de ensino superior (coordenador) e por professores da educação básica (supervisores). Isso significa que a chegada dos licenciandos à escola não é intuitiva, ao contrário, antes de chegar às salas de aula há estudos realizados com a finalidade de problematizar as impressões primeiras dos graduandos, de desnaturalizar o olhar sobre a escola, o papel do professor e o sentido da aula.

Na Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens e Códigos, que forma professores para atuar no ensino de língua portuguesa, o subprojeto PIBID é pensado considerando a importância do diálogo entre disciplinas para a compreensão dos fenômenos da linguagem e tratamento sobre esses fenômenos na sala de aula. Esse diálogo contribuiu para que os planos de atividades do subprojeto PIBID³ contemplassem o cruzamento de fronteiras entre as áreas, especialmente porque as atividades privilegiaram o trabalho com prática de leitura e escrita, voltadas para uma consciência crítica sobre o uso das diferentes linguagens.

³O subprojeto de Linguagens e Códigos-Língua Portuguesa foi desenvolvido entre setembro de 2018 a fevereiro de 2020.

PEREIRA JUNIOR, U. S. G.; FRANÇA, K. C. F.

O ponto de vista, que o subprojeto se propôs desenvolver, é aquele que, como diz Geraldi (2010), valoriza os tateios do aprender e não as certezas do ensinar, que se orienta para a concepção de aula com um ritual que agrega gestos e fazeres predeterminados, ao mesmo tempo que busca a renovação do já dito, a produção de saberes. Para dar conta dessa produção, desenvolvemos as sessões de estudos e de escuta sobre as vivências de quem está na sala de aula como professor. O roteiro do livro didático foi substituído por aulas que se estruturam a partir da realidade local.

A ideia do subprojeto foi trabalhar visando construir pontes entre os saberes específicos e as práticas pedagógicas, considerar os saberes que os alunos carregam e proporcionar diversas experiências de leitura, as quais permitam aos alunos sonhar e escrever a realização desses sonhos.

Nos itens que seguem, apresentamos os passos desenvolvidos no subprojeto no que se refere a pensar a aula como uma atividade de interação e produção de saberes. A equipe do subprojeto empenhada nesse trabalho tinha a seguinte composição: 18 (dezoito) graduandos, sendo 14 (quatorze) bolsistas, quatro voluntários; 2 (dois) professores da educação básica (supervisores) e 1 (uma) professora da licenciatura em Linguagens e Códigos (coordenadora).

3. As etapas de construção da aula

No início do programa, as atividades concentraram-se na preparação para chegar à escola, em estudos sobre práticas pedagógicas, cotidiano escolar, aula de português. Buscava-se, a partir da leitura de artigos e da exibição de documentários, fomentar problematizações sob o modo de compreender a atuação do professor, de pensar sobre conteúdos e práticas de ensino e, assim, possibilitar o amadurecimento do olhar dos pibidanos sobre como lidar com os desafios de ensinar língua portuguesa, formar leitores e produtores de texto.

As sessões de estudos vieram acompanhadas de sessões de investigação sobre as escolas-campo e as particularidades culturais de suas comunidades, sobre a constituição das turmas de ensino fundamental envolvidas no projeto. A escuta atenta nos fez delimitar a farinha de mandioca como elemento cultural gerador de atividades de ensino. A atividade escolhida foi a criação de uma oficina pedagógica. O formato da aula

PEREIRA JUNIOR, U. S. G.; FRANÇA, K. C. F.

como uma oficina de leitura e escrita foi pensada de modo detalhado, e corresponde à primeira atividade em que os alunos iriam assumir a regência de sala de aula.

3.1. Planejamento

O processo de construção da oficina foi elaborado em conjunto com todos os PIBIDIANOS, supervisores e coordenadora. Esse diálogo aberto norteou a construção da oficina, forneceu elementos para pensarmos em cada detalhe e planejarmos uma atividade criativa, com a qual todos estavam comprometidos e empenhados em aprender para fazer o melhor.

A oficina foi pensada para alunos do sexto ano, da escola Dr. Gastão Vieira, localizada no povoado Currais, do município de São Bernardo-MA. Por se tratar de uma região da zona rural, na qual a produção de farinha de mandioca representa uma atividade familiar, econômica, cultural na vida dos estudantes, a temática escolhida foi as *Histórias da Casa de Forno*. Construímos um roteiro didático, com todos procedimentos que seriam realizados dentro da sala de aula. A proposta foi transformar a sala em uma casa de forno, criar um ambiente no qual os alunos pudessem falar sobre a produção de farinha e contar as histórias que envolvem a casa de forno. As atividades foram planejadas para acontecerem durante três dias.

Os PIBIDIANOS foram divididos em pequenos grupos e assumiram as salas de aula. Essa divisão se justifica por ser a primeira atividade de regência, havia muita ansiedade e expectativas diante da responsabilidade de trabalhar com turmas de forma diferenciada, de customizar as salas, fazer a aula de português acontecer na atmosfera de uma casa de forno. Em grupo, um ajudava o outro.

3.2 Aplicação

O planejamento demandou tempo, idas e voltas, redefinições. Fechado todo roteiro, tomadas todas as providências, os PIBIDIANOS foram para a escola vivenciar, de fato, uma experiência como professor. Levamos todos os recursos didáticos que iríamos utilizar nas salas. É importante dizer que a direção e professores, que não estavam

PEREIRA JUNIOR, U. S. G.; FRANÇA, K. C. F.

diretamente envolvidos com PIBID, foram solidários e essa ajuda foi fundamental, mostrou na prática a importância de trabalhar em parceria.

A oficina aconteceu em três dias. No primeiro dia, redesenhamos a organização tradicional da sala de aula com suas cadeiras enfileiradas. Buscamos criar uma atmosfera que remetesse às casas de forno, para isso levamos para a escola objetos reais utilizados nessas casas, com o objetivo de criar o cenário. Com ajuda do projetor, exibimos imagens referentes a casas de forno e organizamos a sala para que os alunos sentassem no chão. Tudo foi montado durante o intervalo do recreio da escola.

A aula começou com uma brincadeira que denominamos “Macaxeira Quente”, que se tratava de uma bola feita com papéis, um sobreposto ao outro até formar uma bola. Em cada papel estava escrita uma palavra referente ao universo semântico da casa de forno, como: macaxeira, mandioca, manipueira, caititu, farinha etc. A bola era passada pela turma, de mão em mão, ao ritmo da canção “Farinha é de mandioca”, de Eliezer Setton. Quando a música parava, quem estivesse com a bola na mão tirava um papel, lia o que estava escrito, explicava o sentido da palavra lida e se apresentava.

Com esse jogo, tanto fomos nos apresentando quanto desenvolvendo uma atividade de observação inicial sobre o nível de leitura dos alunos, no que se refere à palavra escrita. Nessa brincadeira, descobrimos que havia alunos do sexto ano com grande dificuldade para ler palavras escritas, mas sem dificuldades de explicar oralmente o sentido das palavras, depois de decodificadas. Fato que nos fez entender, como diz Freire (1982, p.37), que “A leitura de mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquela. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente.”

Após a dinâmica, foi entregue aos alunos a letra da canção mencionada, da qual selecionamos palavras como: *macaxeira*, *mandioca* e *manipueira* e escrevemos no quadro, com a finalidade de dialogar com os alunos sobre os sentidos delas e ainda fazer uma comparação com o significado presente no dicionário. A proposta foi trabalhar com o registro formal escrito de palavras, mostrar como os dicionários exploram vários sentidos de uma palavra em ligação direta com o contexto de uso e com aspectos culturais. Ainda nesse primeiro dia, pedimos aos alunos que iniciassem a escrita do glossário da casa de forno a partir de uma conversa com a família deles. Para cada aluno, foi entregue um caderno, feito artesanalmente pelos pibidianos, para as atividades desenvolvidas durante

PEREIRA JUNIOR, U. S. G.; FRANÇA, K. C. F.

a oficina. Ao término da oficina, recolhemos esses cadernos para análise e proposição das próximas aulas.

No segundo dia, a aula começou com os PIBIDIANOS pedindo aos alunos que apresentassem as palavras registradas nos cadernos e os significados. As palavras foram listadas no quadro pelos PIBIDIANOS e os sentidos comentados pelos alunos. Essa atividade funcionou como ponto de partida para uma conversa a respeito das histórias inventadas e contadas na casa de forno. Pedimos que os alunos contassem histórias inventadas que eles ouviam nas casas de forno. Queríamos explorar as narrativas reproduzidas ao longo do tempo e recontadas pelos alunos, sem preocupação em rotular e classificar as histórias em uma categoria composicional. Depois de contar oralmente, veio o momento de escrevê-las no caderno.

Ouvimos muitas histórias interessantes e os cadernos nos mostraram alunos com vários níveis de escritas. Essa observação mostrou que precisávamos pensar em como ajudar os alunos a escrever melhor as histórias das quais sabiam falar tão bem, como ajudá-los desenvolver a competência como leitores e produtores de texto, como exercício de linguagem (GERALDI, 2004) que acontece na escola e não como exercício escolar que aprisiona a escrita em regras estéreis de “certo e errado”.

No terceiro dia, começamos a aula com os alunos lendo as histórias que escreveram. As narrativas abriram espaço para desenvolvermos outro ponto do planejamento: a relação entre as histórias e as comidas produzidas na casa de forno. Retomamos a explorar o léxico com o objetivo de trabalhar o sentido em função do contexto, as palavras que compõem as histórias como uma flecha apontada para dois lados, pois tanto produz significação enquanto leitor e produtor de texto como se constrói e se mostra enquanto alguém que lê e escreve, “Suas leituras prévias, sua história de leitor, estão presentes como condição de seu trabalho de leitura e esse trabalho o constitui leitor e assim sucessivamente”(GERALDI,2010, p.106).

Finalizamos a oficina com uma atividade denominada por nós de “Farinhada”. Na sala, todos ficaram em círculo, e ao som da canção Farinhada, da Juventude Ilha, fizemos uma coreografia: cantando e dançando, cada aluno e PIBIDIANO entrava na roda peneirando, simulando o preparo da farinha, interagindo a partir do universo particular, da cultura do povoado de Currais. A oficina terminou com PIBIDIANOS e alunos, todos

PEREIRA JUNIOR, U. S. G.; FRANÇA, K. C. F.

contentes com o trabalho desenvolvido, alegres com as aulas que ficaram marcadas como boas experiências.

4. O que dizem os licenciandos sobre o PIBID

Este conjunto de ações, realizadas tanto no âmbito da sala de aula como fora dela, gerou nos acadêmicos um acréscimo experiencial expressivo. Os pibidianos começaram a se ver como docentes, a pensar sobre: a rotina de um professor na escola, o tempo dedicado ao planejamento, as dificuldades e as possibilidades de colocar ideias em prática, a realização de uma aula como uma experiência significativa para alunos e professores.

A fim de ouvir o que pibidianos dizem sobre o acréscimo de experiências em sua formação como professores, aplicamos um questionário com nove licenciandos participantes do subprojeto PIBID – Linguagens e Códigos. Nossa intenção foi a de verificar como esse conjunto de ações desenvolvidas, influenciou a forma de pibidianos encararem sua futura profissão e a própria universidade.

O questionário propôs três perguntas: 1) Quais as contribuições do PIBID para a sua formação como futuro docente? 2) O PIBID modificou a forma como você encara a licenciatura? 3) Quais as dificuldades encontradas para o desenvolvimento do projeto?.

Apresentamos, a seguir, as respostas de três participantes que não foram identificados nominalmente, pois nos interessa adotar a ideia de que são respostas de sujeitos sociais, que respondem sobre as experiências desenvolvidas dialogicamente em um grupo, são respostas sobre o percurso de licenciandos que se deslocam para o lugar de professores.

Respostas Participante 1:

1. *Contribuições boas, como: a certeza de que quero ser professora, os aprendizados e planejamentos das aulas.*
2. *Sim, eu sempre quis estudar para um dia ser professora, mas houve um tempo que eu me afastei desse sonho e após entrar no PIBID eu tive a experiência de saber a relação entre professor e aluno, que não é só planejar e aplicar a aula, mas sim transmitir ao aluno e mostrar para ele o desejo, o amor, o empenho que você tem quando se trata do aprendizado dele.*
3. *Tivemos dificuldades com o transporte para irmos até a escola e com materiais: xerox.*

PEREIRA JUNIOR, U. S. G.; FRANÇA, K. C. F.

Este primeiro participante diz que a experiência vivida no programa trouxe a certeza sobre que profissão seguir: “quero ser professora”. A participação no PIBID recuperou um sonho antigo, do qual a aluna sentia-se distante, afastada. O sonho voltou a fazer sentido pelo envolvimento o fazer docente que envolve planejar o que e como ensinar, encontrar uma forma de explicar conteúdos e mostrar ao aluno “o desejo, o amor, o empenho que você tem quando se trata do aprendizado dele”.

O programa contribui com a licenciatura à medida que insere o graduando na realidade da sala de aula ainda nos períodos iniciais, contribui para a formação de uma identidade docente, que ajuda o aluno a entender a aplicação das teorias estudadas.

Ao responder a segunda questão, o participante aponta um elemento importante na relação professor-aluno: transmitir conhecimento aos alunos, com afeto. Empenho e afeto no processo de ensino da língua é uma mistura fundamental, especialmente, quando se trata de ser professor de crianças envolvidas com muitas responsabilidades, portadoras de um capital cultural diferente daquele considerado padrão.

Sobre as dificuldades encontradas, o que essa participante diz não se trata de problemas próprios do cotidiano da sala de aula, mas sobre questões logísticas quanto ao transporte para a escola localizada na zona rural e sobre suprimentos, ou seja o material utilizado nas aulas, que eram custeados pelos próprios pibidianos.

Respostas Participante 2:

- 1. O PIBID me ajudou a olhar a profissão de professor com outros olhos. Contribuiu significativamente no meu processo de formação como futura professora de língua portuguesa, a partir do momento em que tive o meu primeiro contato com a sala de aula, de me proporcionar uma imagem real do que é ser um professor e do que ele enfrenta diariamente na sua profissão e, contribuiu grandemente ao me ajudar enfrentar o meu medo de falar em público.*
- 2. De certa forma, sim. Já que a partir do momento que conheci a realidade do professor dentro da sala de aula percebi que tinha que encarar a licenciatura com garra, esforço e dedicação.*
- 3. O transporte e os recursos materiais como as xerox.*

Nas respostas desse segundo participante, há a concordância sobre a contribuição do PIBID relacionada ao modo de olhar a profissão de professor. Neste caso, aponta a existência de dificuldades diárias, próprias do fazer docente, mas não as trata como uma queixa, e sim como problemas possíveis de serem enfrentados. Diz ainda que a

PEREIRA JUNIOR, U. S. G.; FRANÇA, K. C. F.

aprendizagem passa pelo enfrentamento dos próprios medos, que precisam ser superados como é o caso do “medo de falar em público”.

A segunda resposta, mostra que a participação no PIBID modifica o modo do licenciando compreender o curso de formação inicial. Na licenciatura, aprende-se a pensar o sentido das práticas pedagógicas e dos saberes científicos fundamentais para que a atuação do professor seja produtiva, logo é fundamental “encarar a licenciatura com garra, esforço e dedicação”. Essa percepção foi construída pela vivência como professora no PIBID.

Sobre as dificuldades, o ponto levantado foi o transporte e os recursos materiais. Não houve queixas sobre a escola, o que nos faz pensar sobre a aprendizagem de pibidianos quanto à superação dos problemas.

Respostas do Participante 3:

- 1. Aumenta a formação enquanto futuro docente.*
- 2. Sim, trouxe um olhar mais prático das fases educacionais.*
- 3. As dificuldades circulam em torno da falta de transporte e de recursos materiais.*

De forma sucinta e objetiva, o terceiro participante chama atenção para a percepção dos acréscimos promovidos pela participação no PIBID. O aumento na formação está relacionado à atuação como docente no futuro, à compreensão que a inserção no programa representa uma etapa de aprendizagem de uma profissão.

A resposta “sim” para a pergunta: O PIBID modificou a forma como você encara a licenciatura?, vem acompanhada de explicação que nos remete à ideia de que a iniciação à docência possibilita enxergar os textos estudados nas disciplinas em diálogo com a prática. Esse ganho é significativo, especialmente, quando levamos em conta que Linguagens e Códigos é uma licenciatura interdisciplinar.

A resposta para a pergunta sobre as dificuldades encontradas para o desenvolvimento do projeto, foi mesma dos outros participantes: o transporte e falta de recursos materiais. Currais localiza-se em um povoado distante do centro do município de São Bernardo-MA, chegar à escola tornou-se um desafio e causou muitas reelaborações dos planejamentos, além disso tivemos que desenvolver atividades criativas, que

PEREIRA JUNIOR, U. S. G.; FRANÇA, K. C. F.

pudessem ser custeadas com os recursos dos próprios pibidianos, pois o programa não disponibilizou verba para a compra dos materiais básicos e necessários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso objetivo foi relatar experiências de ensino de pibidianos do subprojeto de Linguagens e Códigos - Língua Portuguesa, em uma escola maranhense, e verificar como as atividades realizadas no projeto interferiu no olhar de licenciandos sobre o trabalho docente. Acreditamos ter alcançado esse objetivo, à medida que nosso modo de contar sobre o PIBID não tem o valor de um relatório técnico, mas de uma experiência como algo que tocou a todos envolvidos com o subprojeto.

Efetivamente, o PIBID promoveu deslocamentos de todos os que dele participaram, à medida que aproximou professores do ensino superior, da educação básica e futuros professores e ofereceu uma visão do processo de formação docente de várias perspectivas. Possibilitou aos licenciandos saírem do banco de aluno na universidade para o lugar de professor, em frente a um quadro, um movimento que altera a forma de pensar. O pibidiano vivenciou a alteridade de modo objetivo ao se colocar no lugar do outro.

A oficina descrita e as atividades como um todo possibilitaram aos pibidianos experiências produtivas, como se constata nas respostas aos questionários. As atividades realizadas durante todo o projeto buscam criar soluções alternativas, contribuir para uma melhoria do processo de ensino-aprendizagem, pautando-se na ideia de que “saber não é dispor de um repertório de respostas. Saber é ser capaz de compreender problemas, formular perguntas e saber caminhos para construir respostas” (GERALDI, 2010, p. 96).

As respostas ao questionário aplicado são um registro do acréscimo proporcionado pelo programa. O trabalho desenvolvido no PIBID ajudou licenciandos a recuperarem sonhos de docência, a pensar a aula com produção de saberes associada ao afeto entre alunos e professores, a superar dificuldades e a fortalecer o compromisso da e com a licenciatura.



PEREIRA JUNIOR, U. S. G.; FRANÇA, K. C. F.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. **PIBID – Apresentação**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/pibid>> Acesso em: 30 mai. 2019.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**. São Paulo, Cortez, 1982.

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

GERALDI, João Wanderley. Escrita, uso da escrita e avaliação. In: GERALDI, João Wanderley. (org.). **O texto na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2004.

LARROSA, Jorge. Tremores: **escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. Coleção: Experiência e Sentido.

Como citar este artigo (ABNT)

PEREIRA JUNIOR, U. S. G.; FRANÇA, K. C. F. **Contribuições do programa institucional de bolsa de iniciação à docência na formação de professores de língua portuguesa**. Revista Iniciação & Formação Docente, Uberaba, MG, v. 7, n. 2, p. XXX-XXX, 2020. Disponível em: <inserir link de acesso>. Acesso em: inserir dia, mês e ano de acesso. DOI: inserir link do DOI.

Como citar este artigo (APA)

PEREIRA JUNIOR, U. S. G.; FRANÇA, K. C. F. (2020) **Contribuições do programa institucional de bolsa de iniciação à docência na formação de professores de língua portuguesa**. Revista Iniciação & Formação Docente, X(X), XXX-XXX. Recuperado em: inserir dia, mês e ano de acesso de inserir link de acesso. DOI: inserir link do DOI.

